



Anuário Antropológico

v.48 n.3 | 2023
2023/v.48 n.3

Cesarino, Leticia. 2022. *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora. 300 p.

Leonardo Francisco de Azevedo



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/aa/11463>

DOI: 10.4000/aa.11463

ISSN: 2357-738X

Editora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB)

Referência eletrônica

Leonardo Francisco de Azevedo, «Cesarino, Leticia. 2022. *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora. 300 p.», *Anuário Antropológico* [Online], v.48 n.3 | 2023. URL: <http://journals.openedition.org/aa/11463>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11463>



Anuário Antropológico is licensed under a Creative Commons. Atribuição-SemDerivações-SemDerivados
CC BY-NC-ND

Cesarino, Leticia. 2022. *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora. 300p.

DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11463>

Leonardo Francisco de Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Pós-doutorando em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo realizado estágio sanduíche no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal.

ORCID: 0000-0002-5348-8084

leonardoazevedof@gmail.com

Leonardo Francisco de Azevedo

A antropóloga Leticia Cesarino, professora da Universidade Federal de Santa Catarina e atualmente Assessora Especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Governo Federal, nos apresenta, em seu novo livro, *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*, publicado em 2022 (e antes da derrota eleitoral do candidato Jair Bolsonaro), uma proposta ousada e inovadora para tentar compreender o “drama” do presente. A partir da perspectiva cibernética e de bibliografia sobre sistemas dinâmicos, fenômenos contemporâneos como o negacionismo científico, as *fake news* e o populismo digital se tornam mais inteligíveis, sendo possível apreender suas lógicas próprias de existência e funcionamento.

A preocupação central do livro está em compreender como funcionam as infraestruturas que sustentam o cenário presente, com o rápido crescimento de uma onda global de movimentos de extrema direita. Ou seja, como compreender as razões para a emergência desses vários processos, indo além de leituras apenas conjunturais: a novidade do livro está justamente, nos termos da autora, em apresentar a dimensão técnica dos fenômenos que recorrentemente são tratados apenas como de ordem política ou econômica. Para analisar um dos principais lugares em que essa dimensão técnica se apresenta a partir de uma dinâmica sistêmica, as novas mídias, a autora recorre ao conceito de antiestrutura, de Victor Turner. Quando o centro organizador de qualquer configuração sócio-histórica entra em crise, a antiestrutura, ou seja, as camadas marginais e latentes do sistema emergem para a superfície, tensionando todo o sistema que, nesse processo, vai se dobrando sobre si mesmo. Assim, os extremos vão se tocando e recombinao, invertendo hierarquias e posições. Logo, “o centro do sistema é assim tensionado de modo que a configuração como um todo vire ‘do avesso’ – num movimento topológico análogo ao que Louis Dumont ([1966] 1997) chamou de englobamento ao contrário” (p. 15-16).

Nessa dialética entre estrutura e antiestrutura, as novas mídias são centrais, pois aumentam “a velocidade do fluxo dos sistemas sociotécnicos” (p. 16), acelerando os processos de mudanças estruturais que certamente aconteceriam em uma menor velocidade. Estas modificações ocorrem através de “processos de desintermediação”, em que elementos do sistema da estrutura normativa anterior são desengajados, mas sem necessariamente acenar para uma “ruptura linear com o sistema vigente” – coexistem com “formas emergentes de reintermediação” (p. 16). É esse o “mundo do avesso” anunciado pela autora no título da obra, ou seja, o mundo em que a crise se torna permanente e sua resolução é vivenciada em um duplo processo: tentar conter o colapso do sistema que existia até então e, ao mesmo tempo, disputar quem assumirá o protagonismo da mudança.

Além da inovação da obra em sua abordagem, destaco também a novidade em sua estrutura. O livro é dividido em duas grandes partes, cada uma contendo dois grandes capítulos. Já em sua introdução, Cesarino aponta que a proposta da estrutura do livro se assemelha ao seu objeto de pesquisa, tendo um caráter não linear. Ela inclusive aponta a possibilidade de lê-lo fora da ordem, mesmo reconhecendo que o argumento central da obra esteja na primeira parte – que

Leonardo Francisco de Azevedo

inclusive será aqui apresentada de forma mais detalhada.

O primeiro capítulo, denominado “Sistemas dinâmicos e a perspectiva cibernética”, recupera o movimento original da cibernética nos anos de 1940, centrado principalmente no papel desempenhado pelo antropólogo Gregory Bateson, para buscar elaborar uma explicação cibernética do presente. Segundo a autora, Bateson elaborou uma “formulação elegante da diferença entre a perspectiva epistêmica dominante no Ocidente (que chamamos de explicação positiva) e a perspectiva centrada nos sistemas dinâmicos (que chamou de explicação negativa, ou cibernética)” (p. 30). Se na explicação positiva se buscam relações de causalidade entre agentes preexistentes, de forma linear, a cibernética está interessada nos padrões de coemergência de agências que ocupam um mesmo campo dinâmico. A autora chama a atenção que, apesar das diferenças, as perspectivas positiva e negativa são “duas faces de uma mesma moeda do real” (p. 31). Se a explicação positiva é capaz de melhor explicar contextos de linearidade, ou seja, de estabilidade de estruturas sócio-históricas, a explicação negativa, mediante a análise de sistemas, é mais eficaz na leitura de comportamentos não lineares, quando estruturas estão em crise, que seria a característica do tempo presente. A partir de tal perspectiva, a autora propõe uma leitura antropológica das infraestruturas digitais, através de uma reintegração dos “quatro campos” que originalmente compuseram o movimento cibernético: cultura, linguagem, materialidade técnica e cognição encorporada (*embodied*). Só assim será possível compreender consistentemente “o sentido do termo digital” (p. 39).

Já o segundo capítulo, denominado “O ‘mal-estar’ na plataformização”, apresenta como a infraestrutura técnica existente, organizada por princípios cibernéticos, tem uma política embutida que favorece as forças antiestruturais, que caracterizam atualmente os movimentos reacionários ultraliberais. O trocadilho com a obra de Freud é para enfatizar como as sociedades hoje ainda sofrem “mal-estar” graças a um certo descompasso entre o sistema social e os indivíduos, mas produzidos, em grande medida, pelas novas mídias, sobretudo pela forma com que elas propagam uma infraestrutura técnica capaz de acelerar a temporalidade sociotécnica, intensificando uma certa desestabilização dos sistemas vigentes até então. Concomitantemente, tais mídias reestabilizam novas formas de intermediação que, em geral, não permitem aos indivíduos ter o controle cognitivo desses processos, desencadeando “regiões caóticas com efeitos sistêmicos imprevisíveis e não intencionados pelos designers dessas tecnologias: notadamente, a proliferação das forças antiestruturais” (p. 88).

Nessas novas configurações técnicas, há uma inversão importante: os usuários humanos não são os agentes, mas o ambiente para que os sistemas não humanos atuem. Ou seja, os algoritmos segmentam pessoas e agregam perfis com comportamentos que acreditam como sendo similares, produzindo novos públicos, com novas subjetividades individuais e coletivas. Esse processo pode gerar, em casos extremos, mundos personalizados, em que usuários se conectam de forma parcial, ou mesmo são segmentados em realidades paralelas. Este é um dos argumentos utilizados pela autora para justificar que as novas mídias têm uma política, e uma política que vai

198

Leonardo Francisco de Azevedo

de encontro à da democracia liberal, pois enfraquecem a construção de verdades e processos de subjetivação que tenham um reconhecimento universal comum.

Após construir, na primeira parte do livro, o argumento para a compreensão da conformação socioantropológica do presente, na segunda parte Cesarino apresenta seus desdobramentos em dois campos específicos: na política, no capítulo “Política: algoritmização e populismo” – com ênfase da ascensão da nova direita bolsonarista no Brasil; e na ciência, no capítulo “Verdade: conspiracionismos e alt-sciences” – com foco no combate à pandemia de Covid-19. Para a explicação cibernética elaborada pela autora, a crise atual de desconfiança na política e na ciência é a mesma crise e, portanto, pode ser analisada pelo mesmo arcabouço teórico. Cesarino recupera, nesses dois capítulos, algumas análises e argumentos já apresentados em artigos de sua autoria, articulando-os com a discussão geral do livro.

Dentre os destaques a se fazer sobre as discussões apresentadas na segunda parte do livro, chamo atenção para a utilização do conceito de “cismogênese”, de Bateson, para compreender o bolsonarismo. O termo, que significa “gênese do cisma, ou da divisão” (p. 181), é utilizado pelo autor em *Naven* para descrever duas partes em interação, sendo que a reação de uma à ação da outra produz ainda mais esforço em comportamentos já existentes, fazendo com que tal relação se escale progressivamente. Neste escalamento, a forma começa a assumir precedência sobre o conteúdo e, caso deixada em si própria, pode levar ao cisma definitivo entre as partes. A autora recupera episódios na campanha eleitoral de 2018 e na gestão Bolsonaro, em que fica evidente que o objetivo do governo eleito era produzir esse estado de cismogênese de forma contínua, não levada ao limite, a ponto de produzir o rompimento, mas que “os indivíduos permaneçam influenciáveis e em que as fronteiras globais do sistema democrático sejam sutilmente forçadas, porém de forma progressiva” (p. 184). Nesse processo não se muda apenas a comunicação política, mas a própria compreensão e significado da política e de suas possibilidades. Ou seja, não é apenas uma mudança simbólica, mas sim uma transformação no plano da infraestrutura material da política.

O livro possui uma complexidade e consistência teórica que, além de inovador na abordagem antropológica do presente, nos aponta novas direções teóricas e empíricas. Ao terminar a leitura, fica-se com a certeza de que a antropologia, através de seu olhar sensível a diferentes nuances, pode contribuir sobremaneira na interpretação deste complexo mundo do presente, em que a internet e o mundo virtual pautam não apenas relações cotidianas, mas dinâmicas econômicas e políticas mais amplas. Além disso, o livro nos permite compreender tais fenômenos como sintomas do neoliberalismo, que se manifesta cada vez mais radical e fechado sobre si mesmo, em que “os piores efeitos do capitalismo são assim positivados” (p. 274). Apesar do difícil cenário, Cesarino encerra sua obra apontando que, apesar do ceticismo, há ainda esperança de reacomodações e construções de novos mundos.

Recebido em 24/07/2023.

Aprovado em 21/09/2023 pela editora Sara Morais (<https://orcid.org/0000-0003-1490-1232>).